

A IDENTIDADE E A DIFERENÇA NO ESPAÇO DA ESCOLA: UM DIÁLOGO COM AS CULTURAS

<https://orcid.org/0000-0002-4135-7706> Florentino Maria Lourenço^A

^A Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Brasil

Recebido em: 17 out. 2022 | Aceito em: 05 dez. 2023

Correspondência: Florentino Maria Lourenço (florentinomarialourenco@gmail.com)

A olhar pelo título *Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais* e pelos autores e autora com quem Tomaz Tadeu da Silva partilha a construção do presente livro, pode o/a leitor/a que acompanha a escrita de Tomaz Tadeu ter a sensação inicial (textualmente ilusória) de ter nas mãos uma proposta que caminha para o fechamento da questão da cultura, identidade e diferença de que se tem ocupado em suas produções. Mas logo nas primeiras páginas o/a leitor/a mudará de ideia, pois o artigo “*Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*” de Kathryn Woodward, escrito ao estilo da narrativa faz-nos mergulhar num olhar mais alargado. A partir de uma conversa “informal” entre soldados vizinhos em disputa, de nacionalidades sérvios e croatas, narrada pelo radialista e escritor Michael Ignatieff, a autora introduz o debate científico sobre identidades.

Reporta que, falar de identidade no contemporâneo, se torna relevante quando a sociedade enfrenta uma crise, quando uns pensam ser superiores aos outros. Num estilo “didático”, a autora relata que a questão da identidade é relacional, pois a sua existência “depende de algo fora dela”, que é “outra identidade” (p.9). Ela é marcada por meio de símbolos que caracterizam determinado grupo e também por diferenças. O fato que distancia e torna a reflexão de Woodward mais complexa é a noção de percepção das identidades enquanto fluídos que se articulam e se relacionam, cuja compreensão deriva da (re)valorização das experiências e da descoberta do passado enquanto “processo de construção da identidade” (p.12).

Captando a atenção do/da leitor/a, Woodward questiona retoricamente: será que existe a crise da identidade? Nesse prisma, avança em uma análise que coloca em tensão duas perspectivas: a essencialista e a não essencialista. A primeira concebe a existência de traços identitários estáticos para todos os membros do grupo, a segunda, embora reconheça a aproximação entre os elementos, dá primazia às diferenças nos grupos que alteram e mudam com o decorrer do tempo.



2023. **Lourenço.** Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.

Do posicionamento acima, faz-se emergir outra interrogação: Será que a identidade é fixa? (p.12). Para responder questiona-se: como ela funciona e se posiciona enquanto campo de debate? Que reivindicações aparecem ligadas no debate das identidades? A estas questões se podem adicionar as levantadas por Laclau (2011, p.80)

O que ocorre com as categorias do “universal” e do “particular” ao se tornarem ferramentas dos jogos de linguagem que moldam a política contemporânea? O que se realiza por meio delas? Que deslocamentos de sentido estão na base de sua produtividade política atual?

A crítica à visão essencialista, a questão da natureza e da razão baseada na raça e nas relações de parentesco, a marcação simbólica, as condições materiais alimentam e estão no centro da visão de identidade fixa. Desconstruindo a perspectiva essencialista, alerta-nos para reconhecer as identidades como heterogêneas, não como unificadas, mas como atitudes de nível psíquico individual e coletivo que precisam ser melhor explicadas. Argumentando que as migrações enquanto motor de mobilidade não se limitam na circulação de bens e economias, mas também como elementos que servem para construir identidades plurais, fazendo com que diferentes identidades e culturas se localizem em diferentes entre-lugares (BHABHA, 1996), desestabilizando o conceito de fixação cultural. Sendo que, o momento do questionamento atual, confere a crise, na qual assistimos um campo de tensões culturais dominadas de um lado, pela visão hegemônica nas suas variadas manifestações: religião, economia, entre outras que buscam se impor, enquanto de outro lado, uma luta incessante de resistência étnica no contexto de transformações sociais que colapsa as “velhas certezas e pela produção de novas formas de posicionamento” (p.25).

Woodward nos lembra que a superação da crise de identidade envolve a compreensão dos processos históricos, (este é o tema que toma o subtópico *histórias*) que passam pela negociação do que temos em comum, afirmando densamente as nossas particularidades. Parafraseando Stuart Hall, a autora sinaliza que o processo histórico da identidade cultural é pensado e enxergado em duas perspectivas: a primeira que supera a “verdade” do passado na sua unicidade, e a segunda que dá ênfase ao *devenir* a se tornar *ser* que não dando relevo ao passado, abre a abordagem diacrônica da *différance*, ultrapassando as oposições binárias.

A partir da noção de *différance* e dinâmica dos fatos infere-se a questão de mudanças sociais que merecem outro tópico em Woodward, buscando chamar atenção às mudanças que não apenas ocorrem à escala global e na política, mas também na esfera local e pessoal, pois provocam deslocamentos dos centros industriais e culturais que fazem com que não existem classes totalizantes que moldam as relações de outras classes, o que abre a possibilidade de

um entre-lugar ou terceiro lugar identitários, que se instala nos campos sociais através de mudanças de identidade como resposta dos conflitos na família, trabalho e identidades sexuais na vida moderna.

O surgimento de novos movimentos sociais feministas a partir dos anos 1960, parecem apagar as fronteiras entre a dimensão pessoal e política, construindo uma nova política que enfatiza a história e as experiências dos indivíduos, subvertendo as categorias e os binarismos da modernidade. Além da quebra da visão reducionista que faz uma análise baseada em classes onde a superestrutura determina o controle da raça, gênero e sexualidade. Denotando a crise da(s) identidade(s) cujos eixos fixos e “localizados” parecem aludir.

Destarte, podemos questionar “Como a diferença é marcada em relação à identidade? Primeiro Woodward desmancha o nó ao argumentar que as identidades são marcadas pela diferença através de “sistemas de representação quanto por meio de formas de exclusão social”(p.40). Mobiliza a concepção de uma identidade que depende da *différance* e da superação ou distanciamento que se constrói em oposição ao *outro* enquanto sistemas classificatórios. Alerta para a necessidade de perceber que a diferença ocorre por meio da exclusão do *outro* forasteiro, mas também como diversidade, heterogeneidade e hibridismo aberto a novos valores.

Ao fechar o capítulo, Woodward levanta uma questão central que atravessa a discussão presente em todo o livro: “Por que investimos nas identidades?”. Para análise, estabelece a distinção entre identidade e subjetividade, reconhecendo a sobreposição dos termos. Refere-se que a subjetividade alude mais a percepção do “eu” sobre si ou do mundo e as identidades, coisas construídas socialmente e, em permanente negociação. A argumentação discorre em volta de uma perspectiva que fundamenta a identidade como núcleo essencial que distingue os grupos e noutra contingente, resultante das intersecções de diferentes componentes.

A seguir, longe de uma análise fundamentada apenas nas teorias antropológicas, sociológicas e essencialistas, Tomaz Tadeu Silva se inscreve no espaço discursivo da linguagem, criando deslocamentos no campo discursivo que permite posicionar o multiculturalismo como um “benevolente apelo à tolerância e ao respeito para a diversidade e a diferença” (p.73). Na esteira da desconstrução do mundo naturalizado, mergulha em vários questionamentos que se desdobram em subtópicos: *Identidade e diferença: aquilo que é e aquilo que não é; Identidade e diferença: criaturas da linguagem; Mas a linguagem vacila...; A identidade e a diferença: o poder de definir; Fixando a identidade; subvertendo e*

complicando a identidade; Identidade e diferença: elas têm que ser representadas; Identidade e diferença como performatividade; Pedagogia como diferença.

Neles depreende que nos últimos anos, muitos estudos têm se debruçado sobre o multiculturalismo, identidade e diferença, todavia, observa-se um vazio epistemológico na sua teorização. Destarte, Tomaz Tadeu problematiza o multiculturalismo realçando que apoia a tolerância e o respeito para com a diversidade e a diferença. Ainda, problematiza a diversidade porque se limita a proclamar a existência e a naturalização da essencialização das entidades, pois não basta uma visão liberal de respeito e tolerância das identidades. É urgente uma teoria/pedagogia que ultrapasse a dimensão celebratória das diversidades e que invista no questionamento e problematização das mesmas.

Assim, investe na desmistificação dos termos identidade e diferença apontando que são inseparáveis: um precisa do outro, onde igualmente aponta-os como criações que operam no campo da linguística, da cultura e da sociedade, com significações culturais dentro dos sistemas simbólicos que lhes são atribuídos.

Desta maneira, tal como a linguagem, os símbolos variam (não existe uma relação linear entre o significado e significante), sendo que “a identidade e a diferença são tão indeterminadas e instáveis” (p.80). Encontram-se numa relação bipolar e opositora, pois não são objetos de/em disputa entre grupos sociais e o poder, apenas “traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais assimétricos”, para garantir o acesso e circulação dos bens sociais, pois estão em “estreita conexão com relações de poder” (p.81) que auxiliam na demarcação de fronteiras para excluir e classificar. Esta demarcação não pode ser entendida como a fixação de identidades (uma vez ser impossível na visão pós-estruturalista), cabendo assim, estudos para mapear as tentativas de fixação e de impedimento das fixações culturais, evidenciando que estamos distante de localizar e fixar identidades porque os fluídos, os movimentos e os deslocamentos criam o hibridismo cultural (as fronteiras culturais são cada vez mais porosas) em busca de um terceiro espaço (BHABHA, 1996).

Outrossim, no mundo contemporâneo, a identidade e a diferença aparecem vinculadas à teoria de representação, e por conseguinte, ao poder, pois incorporam indeterminações, ambiguidades e instabilidade atribuídas ao sistema de linguagem e cultura. No entanto, emerge também a noção de identidade e diferença como performatividade que “desloca a ênfase na identidade como descrição, como aquilo que é (...) para a ideia de tornar-se, para uma concepção da identidade como movimento e transformação” (p.92).

Como podemos verificar a questão de identidade e diferença perpassa por vários campos, como o cultural, linguístico, poder e pedagógico, sendo que, neste último se torna problema na medida em que vivemos numa sociedade atravessada pela diferença, com a escola se configurando como espaço que agrega essas diferentes identidades, precisando traçar uma política curricular que trate a identidade e a diferença como questões políticas para explicar o seu contexto de produção, por via de questionamentos sobre as relações em que está estreitamente associado.

Ao encerrar o livro, a contribuição de Stuart Hall em “*Quem precisa de identidade?*” é uma interrogação que fascina e desconforta a leitura crítica do/da leitor/a fixado/a culturalmente. Hall desfila por autores de épocas e visões diversificados, desde Lacan, Foucault e Butler, esta última, nos alerta que qualquer tentativa de “demarcação acrescenta outra dimensão ao problema, uma vez que nem todas as ações discursivas relativas envolvidas no reconhecimento equivocado do povo são explícitas” (BUTLER, 2018, p. 12). Assim, estabelece um diálogo que investe na tradição crítica para compreender a produção em volta do conceito identidade. Igualmente, levanta profundas interrogações numa missão clara de desconstrução das perspectivas identitárias. Mas, para quem pensa que a leitura conduz a respostas fechadas, cairá no desespero, pois ao seu estilo de homem híbrido plural, Hall se posiciona na concepção pós-crítica e pós-moderna ligada aos movimentos sociais feministas influenciadas pela psicanálise, produção discursiva e subjetividade para lançar um custoso debate rumo a desconstrução e ao deslocamento da “ideia de uma identidade integral, originária e unificada” (p.103), introduzindo a noção de diferença distanciada da diversidade, sendo que a primeira quebra o ideal regulatório e estático da cultura.

A identidade é tida como aquela que opera sobre a rasura no intervalo entre a inversão e a emergência, certo de que esta não pode ser pensada de forma antiga, mas também com total ignorância das experiências passadas, pois é uma construção em processo, inacabada em articulação que inclui recursos simbólicos alojados na contingência que flutua no campo discursivo da *différance* e da marcação das fronteiras simbólicas. Neste sentido, as identidades “estão sujeitas a uma historicização radical”, dada a sua natureza de mudança e transformação (p.108).

As identidades são construídas no jogo das exclusões (uma coisa é, por ser diferente da outra), seria então o ponto de sutura/intersecções entre os discursos e as práticas que operam na formação, isto é, “subjetividade que levam em conta os processos psíquicos inconscientes e a relação com o outro (p.119). Hall na sua defesa da relação de contingência

corroborar com Foucault, (1994, p.231) quando nos convoca a questionar "quem somos nós", onde nessa indagação, o autor longe de centrar a abordagem nos sujeitos universais, dirige-se a *nós* enquanto seres com as nossas singularidades do tempo histórico. Foucault, (1994) verifica que nada no homem é estável para compreender a identidade do outro, nem para autoconhecimento, pois não se trata de fixar o ideal regulatório. Assim, faz mais sentido falar de identidades e não identidades por serem concepções fantasmáticas de alinhamento que desestabilizam o "eu" e sedimentam o "nós" num processo permanente de construção e reconstrução.

O movimento de escrita deste livro exige do/da leitor/a uma percepção desenraizada sobre a discussão de identidades, lugares e diversidade, bem ao estilo dos três autores que compõem o livro, nos convocando a percepção plural dos espaços e *entre-espaços* onde ocorrem as intercessões e conexões da cultura. De certo modo, pode criar estranheza para leitores/as *acomodados/as* na perspectiva de *fixar posicionalidades* como ocorre na visão de *fixar* fatos, como ocorre na visão marxista e hegeliana de oposição, binarismo e superação, pois aqui encontramos uma possível convivência das identidades e *différences* num campo de tensões em permanente fluidez e negociação.

É provável que o/a leitor/a do inquietante livro venha questionar a visão de deslocamento de Ernesto Laclau, a fluidez que nos faz perceber um não lugar das identidades. Laclau (2011, p.69) nos desafia a olhar a identidade como constituída por "significante vazio" que na sua perspectiva é "no sentido estrito do termo, um significante sem significado", o que faz com que não exista uma percepção *a priori*, estabelecida quer específica, quer universal e muito menos fixa que dá sentido a cultura.

Esses argumentos nos embalam numa outra utopia que ultrapassa as subversões e ampliam o debate para a compreensão da crise da identidade contemporânea, abrindo perspectivas para novas identidades nas famílias, nas escolas, nos espaços políticos e ao nível pessoal, assentes de que o mundo está cada vez mais rizomático, mas também mais instável, complexo e disruptivo. Para concluir, fica o convite aos prováveis leitores/as deste livro provocativo e envolvente: mergulhar de cabeça nas suas páginas, se deixando banhar pelas águas turbulentas do debate entre identidade e diferença no Brasil e Moçambique pós-pandemia.

Referência bibliográfica

BHABHA, Homi. *O terceiro espaço* (entrevista conduzida por Jonathan Rutherford). Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 24, p. 35-41, 1996.

BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: Notas para uma teoria performativa de Assembleia*. [trad. Fernanda Siqueira Miguens] Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

DA SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart & WOODWARD, Kathryn. *Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petropolis: Editora Vozes, 2019.

FOUCAULT, Michel. (1994) Le sujet et le pouvoir. In: _____. *Dits et écrits*. Vol. IV. Paris, Gallimard.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pos-modernidade*. [trad. Tomaz Tadeu da Siva & Guacira Lopes Louro]. Rio de Janeiro: DP&A, 2009.

LACLAU, Ernesto. *Emancipação e diferença*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2011.